



DIAGNÓSTICO DA ESCRITA: PARA QUE SERVE E COMO INTERPRETÁ-LO?

Adriétt de Luna Silvino Marinho ¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência realizada com os professores do 1º ao 3º ano de uma rede municipal de ensino, da Região Metropolitana do Recife/PE, durante o primeiro encontro formativo do ano de 2020 com seus professores alfabetizadores. O enfoque está na interpretação precisa do diagnóstico da escrita infantil com base nos pressupostos teóricos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999). Foram elaboradas, pela equipe técnica da Secretaria de Educação, fichas de avaliação do desenvolvimento da escrita a fim de que os professores realizassem com suas turmas. Após o período destinado para a avaliação diagnóstica nas escolas, a análise dos protocolos respondidos pelas crianças foi realizada na formação continuada, com o grande grupo de professores. Os resultados apontaram que a maioria dos professores não sabia diagnosticar em que hipótese de escrita os estudantes estavam e nem sabia o que significavam os escritos revelados pelas crianças. Os dados revelam a importância da formação continuada de professores como recurso essencial à instrumentalização docente.

Palavras-chave: Formação docente, Formação continuada, Psicogênese da língua escrita, Diagnóstico da escrita.

INTRODUÇÃO

Mais do que nunca, o papel do professor vem sendo alvo de inúmeros debates. No momento em que o país chega a sugerir que qualquer pessoa possa ensinar as crianças em casa, é importante notar que o trabalho docente é altamente especializado e requer metodologias específicas a fim de provocar mudanças consistentes na construção do conhecimento dos meninos e meninas que frequentam nossas escolas. Nesse sentido, o docente precisa buscar novos conhecimentos e saber como aplicá-los em suas aulas.

Quando nos referimos aqueles que alfabetizam as crianças, entendemos que esse profissional é o responsável por planejar e executar ações pedagógicas que ajudem os estudantes a desenvolver suas habilidades de ler e escrever com compreensão.

Apesar da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999) ter ganhado algum espaço no cenário educacional brasileiro, a ideia de "prontidão" para a alfabetização e de um "desabrochar natural" que ocorreria por volta dos 6 anos (BRANDÃO

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. adriettluna@gmail.com;



& ROSA, 2010) ainda circula entre os docentes. Muitos professores ainda recorrem a recursos provenientes da ideologia empirista-associacionista para alfabetizar seus alunos e o fazem porque não têm segurança ou conhecimento suficientes para elaborar suas aulas voltadas à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

A pedagogia da leitura/escrita dedicou-se insistentemente a uma polêmica infrutífera sobre os métodos (FERREIRO, 2011). E esses “velhos métodos de alfabetização” transmitem uma sensação de segurança ao professor, pois, todos eles constroem sequências idealizadas de progressão acumulativa, os famosos “passos metodológicos”. Assim, o professor que ainda não domina as teorias e não conhece as pesquisas relacionadas ao tema, muitas vezes recorre a essas metodologias, porque elas lhe oferecem uma “receita” pronta.

Ao realizar uma pesquisa sobre práticas de ensino da escrita na Região Metropolitana do Recife, Marinho (2013) percebeu que várias crianças de uma determinada turma pareciam ter decorado algumas palavras e as usavam para responder ao ditado, chegando a demonstrar uma escrita silábica, mas sem ricas variações interfigurais, esse resultado nos testes das crianças era um reflexo do ensino ministrado pela docente que, apesar de apresentar estratégias para tornar as aulas mais lúdicas, ainda via a língua como um código de transcrição e as atividades propostas remetiam à memorização de “famílias silábicas”.

É importante destacar que, mesmo antes de saber ler e escrever convencionalmente, a criança elabora hipóteses sobre a escrita. Descobrir em qual hipótese o estudante está é um importante passo para os professores alfabetizadores ajudarem todas as crianças a avançar.

Sobre a teoria da psicogênese, Morais (2012) ressalta que esta teoria trouxe grandes contribuições ao ensino da língua escrita, pois enfraqueceu os métodos tradicionais de ensino, (que supõem que o aluno aprende repetindo e memorizando) ao apresentar a escrita como um sistema notacional em que, para dominá-lo, é necessário compreender as propriedades do alfabeto e encontrar respostas para duas questões centrais: o que a escrita representa e como ela cria representações.

Para formular suas hipóteses sobre a escrita, o aprendiz lança mão de estratégias e reflexões provenientes de conhecimentos prévios que adquire em sua vida cotidiana. Por exemplo, observando como as pessoas escrevem, as crianças tendem a perceber que desenhar e escrever são fenômenos distintos, porém, isso não significa que já tenham percebido a relação da escrita com a pauta sonora. A esse respeito, Cardoso-Martins e Batista (2005)



sugerem ser possível que o conhecimento do nome das letras auxilie a criança a aprender as correspondências entre as letras e os sons, o que lhe serviria de apoio para avançar em sua apropriação do Sistema de Escrita (esse conhecimento as crianças adquirem por meio de boas práticas pedagógicas).

Evidentemente, conhecer as letras por seus nomes não significa inserir as crianças (desde a educação infantil) a treinos exaustivos a fim de se memorizar letras e desenhá-las rigorosamente, sem que haja uma efetiva reflexão. Marinho (2015) investigou turmas do último ano da educação infantil a fim de identificar práticas destinadas ao ensino e à reflexão do SEA que as docentes promoviam com seus pequenos aprendizes. Os resultados revelaram que havia o desejo por parte das professoras de realizar atividades diferenciadas e prazerosas, mas faltava-lhes a compreensão sobre o que seria essencial que seus alunos aprendessem na etapa que estavam, conseqüentemente, elas não sabiam elaborar atividades que atendessem e explorassem as habilidades necessárias.

Morais (2019) afirma que, para planejar o ensino da língua, os professores devem responder às perguntas: quando, o quê e como propor intervenções eficazes para ajudar os alunos a avançarem?. O autor defende que, para garantir que haja o domínio do aprendiz sobre a escrita alfabética, o ensino sobre a língua deve conciliar a reflexão sobre as palavras e sobre sua notação com as práticas de leitura e produção textual, ou seja, alfabetizar letrando (SOARES, 2000).

Sabemos que muitas pesquisas têm se dedicado a investigar a apropriação de crianças sobre o SEA e várias delas têm analisado práticas docentes de ensino da escrita e da leitura, apesar dessa amplitude nos debates sobre o tema, ainda existe entre muitos professores a insegurança ao interpretar os protocolos das crianças quanto às hipóteses de escrita que apresentam. Conseqüentemente, boa parte desses profissionais têm dificuldades para executar atividades direcionadas ao avanço dos estudantes de acordo com a sua compreensão do SEA em dado momento.

Por este motivo, esta pesquisa destinou-se à investigar os efeitos da instrumentalização dos professores alfabetizadores com relação ao conhecimento da Teoria da Psicogênese da Escrita e das intervenções adequadas à cada etapa do desenvolvimento infantil rumo à apropriação da escrita por meio da formação continuada.



Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é discutir sobre a formação continuada de professores como instrumento de autonomia docente. Para alcançar esse objetivo maior, traçamos alguns objetivos específicos: refletir sobre o processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética; analisar as fragilidades existentes na prática de alguns professores alfabetizadores quanto à interpretação das hipóteses de escrita delineadas por Ferreira e Teberosky (1999); discutir sobre a importância do instrumento diagnóstico em turmas de alfabetização.

METODOLOGIA

Este estudo é de natureza qual-quantitativa e seu principal objeto de estudo são as respostas dos professores de uma rede pública municipal de ensino a uma avaliação realizada durante um encontro formativo destinado à interpretação do instrumento diagnóstico da escrita de seus alunos.

Participantes:

64 professores que, na ocasião, lecionavam em turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

Instrumento Diagnóstico de Escrita: Foi aplicado por cada professor em suas respectivas turmas, no mês de fevereiro, e os resultados foram levados para o encontro formativo a fim de serem analisados com o grande grupo.

Estrutura do encontro formativo:

* Socialização de experiências: Principais dificuldades para a aplicação do diagnóstico

Alternativas para minimizar os impactos

* Por que realizar o diagnóstico? Refletir sobre a importância de *identificar* quais hipóteses sobre a língua escrita as crianças tinham na ocasião e, com isso, *adequar o planejamento* das aulas de acordo com as necessidades de aprendizagem da turma. Análise da estrutura do instrumento (Análise de cada tarefa do diagnóstico, apontando o que cada uma delas permitia avaliar e compartilhando as experiências de como foi realizado).

*Psicogênese da Língua Escrita:



- Compreendendo as classificações propostas por Ferreiro (19...), e Ferreiro e Teberosky (1999) rumo à apropriação da escrita e as influências piagetianas na teoria da Psicogênese.
- Hipóteses e níveis conceituais (definição, características e exemplos).
- Sugestões de atividades para os estudantes avançarem em cada hipótese.
- Atividade prática - Analisar os protocolos (diagnósticos da sua turma com base no que foi estudado e escolher os que tem dúvidas para o grande grupo analisar junto).

* Carga horária: O encontro aconteceu em um único dia, porém, devido ao quantitativo de professores, foi dividido em três turnos (manhã, tarde e noite), cada turno totalizou 4h.

Coleta de dados: Os dados foram coletados durante a formação, através de uma avaliação respondida pelos docentes ao término do encontro formativo, essa avaliação era relacionada à seguinte questão: "Este encontro formativo trouxe conhecimentos novos para ajudar você em sua prática pedagógica?". Também foram considerados relatos dos docentes nos debates que foram realizados no encontro e em como estes profissionais analisavam os protocolos (respostas) dos seus estudantes. As respostas foram sistematizadas em um gráfico para melhor leitura e interpretação e os dados analisados à luz do referencial teórico da área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O encontro formativo, realizado no mês de março, teve o objetivo de instrumentalizar os professores alfabetizadores da rede municipal quanto à compreensão teórica da psicogênese e à interpretação precisa do diagnóstico de escrita de seus alunos e permitir-lhes ter mais autonomia em sua prática diária.

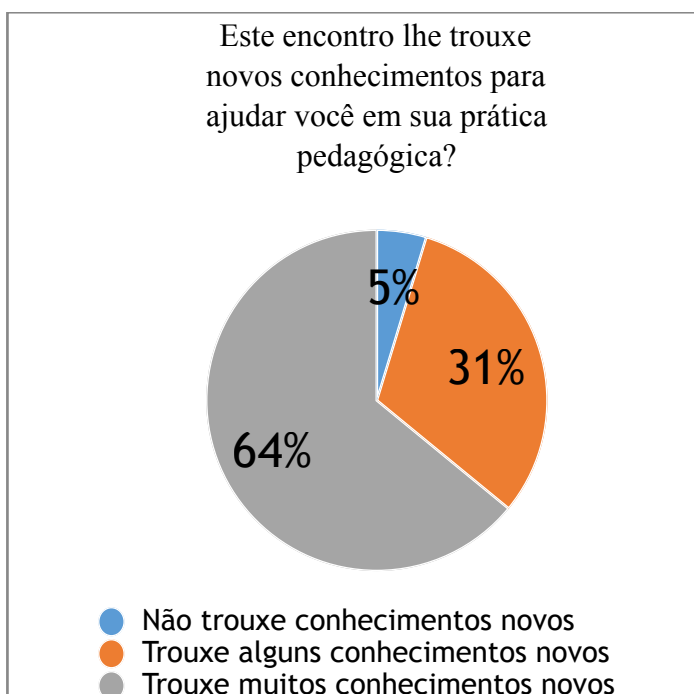
Ao longo da formação, os professores compartilharam suas experiências e relataram as dificuldades encontradas ao aplicar o diagnóstico. Alguns professores julgavam que a atividade seria uma prova classificatória, e muitos outros temiam que os “baixos” resultados de sua turma fossem considerados como um “fracasso” da prática docente.

Após compartilharem suas angústias e dúvidas concernentes à necessidade da aplicação do diagnóstico a cada bimestre, o grupo apontou possibilidades para minimizar os impactos



durante a aplicação, pois as docentes alegaram grande dificuldade ao realizar o diagnóstico individualmente, porque os demais estudantes requerem atenção constante. O grupo chegou a algumas conclusões e delineou alternativas, como: utilização de filme durante a aplicação, atividades como pintura, colagens, que as crianças possam executar com autonomia enquanto a professora dedica-se à execução do diagnóstico com cada aluno, dentre outras.

Quando perguntados se o encontro formativo contribuiu com sua prática, trazendo novos conhecimentos, os professores responderam, em sua maioria, que sim, conforme vemos no gráfico abaixo:



Analisando as respostas, podemos perceber que apenas 5% dos professores que participaram da formação pareciam ter o domínio da temática abordada e, por isso, podem ter respondido que não houve novidade de conteúdo. No entanto, considerando os 31% que responderam ter tido acesso a algum conhecimento novo, percebemos que estes professores até conheciam a teoria, tinham ouvido sobre as classificações de Ferreiro e Teberosky (1999) - pré-silábica, silábica e alfabética - mas não sabiam como interpretar e identificar cada uma das etapas ou hipóteses reveladas pelos escritos infantis.

Nesse sentido, torna-se assustador o fato de que 64% dos respondentes pareciam não ter qualquer conhecimento sobre esta teoria e, portanto, não sabiam como realizar intervenções adequadas a cada hipótese a fim de ajudar os estudantes a avançarem para níveis



mais elaborados. Considerando as ações pedagógicas destinadas à alfabetização, Marinho (2020) chama atenção para a necessidade do professor ter clareza quanto ao que quer obter ao planejar suas aulas, nesse caso, é importante que se trace caminhos de modo a conduzir o ensino sistemático da leitura e da escrita promovendo a reflexão sobre a língua. Mas, a falta de domínio das teorias muitas vezes é um obstáculo à autonomia docente.

Esses dados nos fazem refletir sobre as lacunas existentes na formação docente de base, que muitas vezes foi realizada em um período em que as discussões sobre o ensino da língua giravam em torno do ensino mecânico e meramente associacionista. Por este motivo, a formação continuada é o local de “atualização” docente, no qual os professores podem tirar suas dúvidas, socializar experiências e ressignificar sua prática.

Quando oferecemos aos professores os instrumentos necessários para que eles sejam os protagonistas da sua prática, todos saem ganhando, pois, eles mesmos tornam-se pesquisadores em sua sala de aula. A esse respeito, Imbernón (2011) afirma: "Os docentes devem se assumir como protagonistas, com a consciência de que todos são sujeitos quando se diferenciam, trabalham juntos e desenvolvem uma identidade profissional”.

Ao longo do encontro formativo, os professores demonstraram interesse pela temática e, em sua maioria, ressaltavam que momentos como esse deveriam acontecer com mais frequência, como podemos ver nesse trecho da fala do professor Marcelo²: "Gostaria que tivesse mais formações como esta”. A professora Cármem endossou: “Deveriam repetir essa formação de forma bem detalhada e aprofundada”. Tais relatos revelam que os professores têm o desejo de aprimorar suas práticas, mas, muitas vezes, sentem dificuldade ao executar algumas atividades por lhes faltar conhecimento aprofundado sobre alguns temas. No entanto, quando esses professores têm acesso à uma formação continuada que lhes instrumentaliza, eles sentem-se valorizados, como disse a professora Bárbara: "Achei bastante proveitoso esse momento”.

Freitas (2007), ao defender a formação de professores como uma política de inclusão social, salienta que o cerne da questão está em não apenas melhorar as práticas formativas, mas sim em realizá-las de forma diferente. De acordo com este ponto de vista, é necessário que se garanta um espaço de ressignificação docente, saindo da visão construída historicamente de que o professor trabalha por amor, vocação, bondade e auto-sacrifício, para

² Todos os nomes citados são nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos sujeitos.



um discurso contemporâneo, que aponta qualificações como autonomia, profissionalização e valorização docente como sendo essenciais ao exercício do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação docente é altamente complexa e requer constante reflexão e atualização. Por este motivo, uma boa formação de base é um requisito fundamental ao professor, mas esta, por si só, não é suficiente para que este profissional atue até o fim de sua carreira.

Constantemente, surgem pesquisas que apontam novos caminhos, novas possibilidades e refletem descobertas sobre o aprendizado. Acompanhar esses debates ajuda o profissional a estar atento às tendências e a exercer sua autonomia, atuando como um professor pesquisador, que sabe analisar e investigar os avanços de seus alunos e sente-se seguro para intervir adequadamente a cada etapa do desenvolvimento.

No campo do ensino da escrita, desde a década de 1980, esses debates têm crescido e sugerem uma ressignificação no modo de ensinar a língua, saindo do ensino metódico e puramente repetitivo para um ensino voltado à reflexão, ao contato com textos reais e de circulação social, em que o aprendiz torna-se contribuinte nesse processo, elaborando suas hipóteses e fazendo novas descobertas sobre o sistema de escrita alfabética.

A teoria da Psicogênese tem ganhado espaço nos debates sobre educação, ao lado de outros campos teóricos que envolvem a consciência fonológica, o letramento, a produção textual, dentre outros. No entanto, ainda há um grande desafio quanto à formação continuada de professores.

É importante refletirmos sobre a profissionalização dos professores e lutarmos contra o senso comum de que para ser professor basta ter amor às crianças e defender que, para ser professor, precisa se ter também (e principalmente) amor aos estudos, à pesquisa e à reflexão sobre sua prática. Para elaborar seus planejamentos, o professor precisa sentir-se seguro para decidir as intervenções necessárias e criar práticas diferenciadas que possam atender aos seus objetivos e isso só se consegue estudando continuamente.

Assim, a profissão do professor requer especialização e reflexão constantes, sendo uma das poucas profissões que, até o fim da carreira, requer formação constante e contínua. Cabe, no entanto, uma reflexão também sobre a rotina de trabalho do professor, que, muitas



vezes, atua em duas redes (e às vezes até na rede privada também), o que inviabiliza que este profissional demande tempo suficiente para leituras e estudos.

Por este motivo, o poder público (que, no caso dessa pesquisa, é representado pela esfera municipal) deve assegurar que a formação continuada de professores seja objetivo central das políticas públicas de gerenciamento da educação.

Como revelam os dados desse estudo, os profissionais tendem a se sentir mais valorizados quando há uma atenção quanto ao momento de formação do professor, essa valorização certamente reflete-se nas ações cotidianas em sala de aula, pois, instrumentalizando o docente, logo os estudantes receberão os benefícios de uma prática pedagógica bem planejada e com objetivos definidos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A.C.P. & ROSA, E. C. S. (Orgs). **Ler e escrever na Educação Infantil:** discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010 (Língua Portuguesa na Escola; 2).

CARDOSO-MARTINS, C. e BATISTA, A.C.E. O conhecimento do nome das letras e o desenvolvimento da escrita: evidência de crianças falantes do português. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol.18, 3: 330-336, 2005.

FREITAS, A.S. Os desafios da formação de professores no século XXI: competências e solidariedade. In FERREIRA, A.T.B., ALBUQUERQUE, E.B.C., LEAL, T.F. **Formação continuada de professores:** questões para reflexão. 1.ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERREIRO, E. A escrita... antes das letras. In: SINCLAIR, H. **A produção de notações na criança:** linguagem, número, ritmos e melodias São Paulo: Cortez, 1990.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.



IMBERNÓN, F. Francisco Imbernón fala sobre caminhos para melhorar a formação continuada de professores. (2011) **Revista Nova Escola**. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/456/francisco-imbernon-fala-sobre-caminhos-para-melhorar-a-formacao-continuada-de-professores>. Acesso em 12/09/2020.

MARINHO, A.L.S. **Alfabetização na Educação Infantil**: tecendo olhares sobre a prática docente. Anais do I Congresso Brasileiro de Alfabetização - CONBALF: Os sentidos da alfabetização no Brasil: o que sabemos, o que fazemos e o que queremos. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://28473cf1-9f63-40b0-b146-f3b3c65a8b23.filesusr.com/ugd/64d1da_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf, acesso em 30/08/2020.

MARINHO, A.L.S. **Ensino da escrita alfabética na Educação Infantil**: desafios subjacentes à prática pedagógica. Anais do II Congresso Brasileiro de Alfabetização - CONBALF.: Políticas públicas de alfabetização. Recife, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1UcVSwygbqFq4PY3Kmq-IgDgF3vr9MpS9/view> , acesso em 30/08/2020.

MARINHO, A.L.S. Ensino do sistema de escrita alfabética na educação infantil: o que priorizar?. In: DICKMANN, I. **Ciranda de saberes**. 1.ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.

MORAIS, A.G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORAIS, A.G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.